Festival da Internet dos Povos – Conexões para Sustentar o Céu

Chamada Aberta para Atividades Autogestionadas, Mostra Itinerante de Confluências Artísticas e Feira de Vivências para Autonomia

Sobre o festival: o Festival da Internet dos Povos – Conexões para Sustentar o Céu é um encontro de compartilhamento de experiências para a construção de uma internet e infraestruturas tecnológicas com a pluralidade dos povos, seus modos de vida, orientado para o fortalecimento das comunidades e seus direitos. Enquanto processo, ele será realizado em quatro das cinco macrorregiões do Brasil – Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste:

Manaus – 26 a 28 de novembro de 2026;
São Paulo - 25 e 28 de fevereiro de 2027;
Salvador - 22 e 24 de abril de 2027;
Brasília – entre maio e junho de 2027.

Identificamos que os espaços tradicionais de debate sobre internet e direitos digitais ainda são elitistas, técnicos e pouco diversos. Falam para quem já entende, já está dentro, já tem letramento digital. Ficam de fora as comunidades que mais sofrem com os efeitos do poder das grandes empresas de tecnologia (big techs) e das infraestruturas tecnológicas proprietárias: a desinformação, a vigilância, a extração de dados, o apagamento de suas narrativas. Buscando intervir neste cenário, o festival pretende não apenas disputar a governança da internet, mas produzir rupturas que não possam ser controladas pelas estruturas cibernéticas que querem controlar a vida.

Desejamos fortalecer quem está na linha de frente das lutas por bens comuns e bem viver (comunidades tradicionais, movimentos sociais, periferias) para que sejam protagonistas, e não objetos, dos debates da tecnologia digital.

Acreditamos que as soluções para os problemas da internet não virão de cima para baixo, mas do chão que a gente pisa, das vivências dos nossos corpos e das tecnologias ancestrais e sociais que já existem em nossos territórios. Com esse Festival, a partir desta perspectiva, poderemos criar e fortalecer uma agenda política e uma articulação de convergência entre as organizações, movimentos e demais envolvides para construir caminhos de ocupação dos territórios digitais com autonomia e soberania popular.

Sobre a Chamada Aberta: para construir um festival com a diversidade de experiências que os povos brasileiros merecem, realizamos uma chamada aberta para **Atividades Autogestionadas, Mostra Itinerante de Confluências Artísticas e Feira de Vivências para Autonomia, que vão compor a programação da etapa Manaus.** As atividades inscritas devem priorizar o envolvimento temático nos nove eixos do festival apresentados no **Anexo I**.

As **Atividades Autogestionadas** serão de caráter principalmente prático, promovidas por associades do Intervozes e organizações parceiras com duração de 1h. Esperamos que esse espaço seja destinado a troca de experiências práticas sobre resultados de pesquisas, incidência política, processos de elaboração de autonomia tecnológica, organização local e territorial para o fortalecimento de estratégias no âmbito da comunicação, tecnologias e proteção dos territórios. Serão aceitos diversos formatos, entre eles: oficinas, laboratórios, apresentações e aplicação de dados, desenvolvimento de protótipos, relato de experiências para construção de alianças, jogos, entre outros. Os proponentes das atividades serão responsáveis por conduzir e organizar, com os participantes, o relato coletivo, bem como participar da partilha de sínteses, a ser organizada ao final de cada dia da programação do festival. A produção do festival disponibilizará salas com equipamentos multimídia para a realização das atividades. O número de propostas selecionadas se dará conforme a capacidade de espaço do evento.

A **Mostra Itinerante de Confluências Artísticas** é um ambiente para promover o reconhecimento e a visibilidade de manifestações em múltiplas linguagens e formas de expressão, protagonizadas por fazedoras(es) e arte e cultura durante as diferentes etapas que integram o Festival da Internet dos Povos.
As diretrizes da Mostra são: desenvolver a dimensão cultural integrada à dimensão política; saber, reconhecer e valorizar o que os povos e movimentos estão desenvolvendo de produções simbólicas e de conteúdo que expressam sua realidade concreta no âmbito das comunicações e tecnologias; potencializar a auto-organização, a autonomia e a emancipação dos povos. Estimulamos a inscrição das seguintes atividades: apresentações musicais, dança, teatro e literatura, projeções e exposições de artes visuais, gráficas, arte indígena, arte urbana, instalações, exibição de audiovisual, entre outras. As apresentações da Mostra serão realizadas ao longo da programação e terão duração de, no máximo, 10 min, exceto as apresentações fixas com exposições, instalações e exibição audiovisual. As demandas para a realização das apresentações devem ser apresentadas no ato da submissão das atividades, e sua aprovação estará sujeita à capacidade de execução da produção.

A **Feira de Vivências para Autonomia** busca criar espaço para o conhecimento e experimentação de práticas autônomas no âmbito da tecnologia digital, social e ancestral. Entendemos autonomia como uma forma coletiva de construir capacidades para a produção de insumos e estratégias do bem viver, com independência, liberdade e caráter não proprietário. **A autonomia tecnológica** também pode ser entendida como a capacidade de indivíduos e coletividades exercerem gestão significativa sobre suas tecnologias e infraestruturas, digitais e não digitais, reduzindo relações de dependência em relação às grandes corporações, governos ou outros atores externos. Trata-se, sobretudo, de criar condições para que comunidades possam **fazer escolhas, adaptar tecnologias às suas necessidades, compartilhar conhecimentos e estabelecer suas próprias formas de governança**, construindo relações de interdependência que não deterioram a vida em comunidade nem a vida com o planeta. Buscamos incentivar propostas nas áreas de Alimentação, Cuidados e Proteção,

Biointeração com Recursos Naturais e Socioambientais, Recursos Tecnológicos e Informacionais, entre outras. Essas vivências serão realizadas de forma permanente, ao longo da programação, tais como a experiência prática na produção de alimentos ou a disponibilização do uso de equipamentos para aprendizagem.

A feira será realizada em um espaço aberto ao público do Festival, de modo a ser um território de permanência e passagem. As demandas para a realização da exposição na feira devem ser apresentadas no ato da submissão das atividades e a sua aprovação estará sujeita à capacidade de execução da produção.

Orientações para Inscrição de Trabalhos

As inscrições de propostas podem ser realizadas por meio do formulário disponibilizado nessa chamada e estão abertas de 20 de outubro a 03 de novembro, às 23h59.
CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

O resultado da chamada será compartilhado a partir do dia 9 de novembro por e-mail.

A necessidade de ajuda de custo ou de viabilização de materiais deve ser informada no ato da inscrição, para avaliação da possibilidade pela organização do Festival.

Dúvidas deverão ser encaminhadas para: tamaraterso@intervozes.org.br

Anexo I – Eixos Temáticos do Festival da Internet dos Povos

Os eixos temáticos são a base da construção do programa político do Festival. Através deles que expressaremos nossa agenda política em toda a programação (oficinas, rodas de conversa, exposições, debates, apresentações culturais e bancas).

Construção e experiências de autonomia tecnológica:
Como comunidades, territórios e organizações constroem infraestruturas, plataformas e redes próprias, livres do controle de big techs e de governos autoritários? Este eixo reúne experiências concretas de autonomia tecnológica: redes comunitárias, protocolos descentralizados, software livre, infraestruturas alternativas para biointeração com recursos como água, energia, alimentos e iniciativas de soberania digital que partem dos territórios. O foco está na capacidade de construir, manter e governar tecnologias a partir das próprias comunidades, sem depender de grandes corporações ou de infraestruturas externas.

Conectividade significativa centrada em comunidades:
O que significa conectar um território para além da chegada do sinal? Como a internet pode ser um território para fortalecer as comunidades e não destruí-las? Este eixo parte do princípio de que acesso não se mede apenas pela presença de internet, mas pela qualidade, relevância e apropriação comunitária dessa conexão e os ambientes que promovem. Buscamos aborda a necessidade de protocolos, políticas e práticas que orientem o desenvolvimento ético da internet, garantindo que a conectividade esteja a serviço das vidas, das culturas e das lutas dos territórios, e não apenas do mercado ou do estado. O que está em jogo são debates sobre neutralidade, privacidade da rede, governança comunitária, serviços digitais locais e os critérios que definem o que é um acesso de qualidade. Engloba também os problemas que surgem nos territórios a partir da chegada do acesso à internet, como as Bets, a violência doméstica/de gênero e racial.

Tecnologias ancestrais e saberes tradicionais:
O que as tecnologias digitais podem aprender com modos de vida tradicionais, com a agricultura familiar, com o manejo comunitário da terra e da água? Como estas se encontram e se fortalecem mutuamente? Este eixo também coloca em diálogo os tempos da tecnologia com os tempos da natureza; os ritmos do plantar, do colher, do descanso, frequentemente ignorados pela lógica da aceleração digital.

Tecnologias, gerações e educação:
Como a digitalização acelerada da vida impacta crianças, jovens e idosos de formas desiguais? Como é possível construir uma educação para as mídias e apropriação tecnológica que respeite o tempo e o legado das gerações e suas especificidades? Este eixo aborda a educação para as mídias e a educomunicação como ferramentas de autonomia, mas também os desafios impostos aos idosos, que se veem obrigados a se adaptar a um mundo digital que muitas vezes lhes é hostil, com aplicativos que substituem serviços presenciais, golpes digitais que miram sua vulnerabilidade e a solidão de quem fica à margem. Ao mesmo tempo, explora o impacto do tempo de tela na infância e adolescência, a necessidade da desconexão e o direito a outros tempos de vida, além das consequências do uso excessivo da tecnologia digital sobre a inventividade. Aqui também pretendemos abranger as questões do uso das BETs e a disseminação da violência de gênero que têm atingido tanto adolescentes, como idosos.

Desinformação, vigilância e controle:
Como a desinformação e a vigilância digital atingem de forma desproporcional corpos negros, periféricos, dissidentes de gênero, LGBTQIAPN+ e indígenas? Quais estratégias de enfrentamento estão sendo desenvolvidas por esses grupos e parceiros? Este eixo também investiga a dimensão temporal da vigilância e do controle: quem tem mais tempo de tela, quem é mais vigiado, quem pode se desconectar, e como o tempo de exposição se torna mais uma ferramenta de controle sobre corpos e territórios.

Gênero, diversidade, raça e tecnologia:

Como seriam as tecnologias digitais do presente e do futuro se elas fossem construídas com o protagonismo feminino, preto, indígena, dos povos e comunidades tradicionais e LGBTQIAPN+? Como combater a violência de gênero e raça facilitada por tecnologia e construir espaços seguros de criação e debate? Iniciativas como os Princípios Feminista da Internet; os Compromisso do Comitê de Tecnologia da Marcha das Mulheres Negras; Monstre Insubordinades: o Manifesto, da Rede Transfeministas de Cuidados Digitais são exemplos de caminhos para analisar o contexto de opressões de raça, gênero e sexualidade que estruturam as tecnologias proprietárias, bem como amplia as possibilidades de ocupação dos territórios digitais livres destas opressões através do fomento de princípios como consentimento, código aberto, justiça socioambiental, vínculos afetivos, tecnologias antirracistas, de solidariedade e bem viver.

Comunicação popular e contra-hegemônica:
Como fortalecer redes de comunicação alternativa, rádios comunitárias/web, jornalismo periférico e cobertura colaborativa que deem visibilidade às memórias, histórias e imaginários dos territórios, amplificando vozes silenciadas na internet? No Brasil profundo é a comunicação popular a responsável por fazer circular denúncias de violações de direitos, movimentos de retomadas e resistências. Elas se multiplicam dos panfletos às páginas de sites e redes sociais, se espalham nas ondas de rádio e nos podzaps.

Convergência digital: Radiodifusão, comunicação em rede e suas infraestruturas

Como a convergência entre rádio, TV e internet está transformando o acesso à informação e à cultura? Este eixo aborda as políticas de radiodifusão no ambiente digital, incluindo a TV Digital 3.0, o YouTube como nova TV, as rádios digitais e a digitalização de serviços públicos. Também investiga a infraestrutura que sustenta essa convergência (dos cabos submarinos às antenas). Aqui se questiona: quem controla os meios de transmissão e distribuição de conteúdo no ambiente digital, e como garantir que essa infraestrutura sirva à diversidade, aos territórios e ao direito à comunicação?

Plataformização da vida, modelos de negócio e justiça socioambiental:

Como o modelo de negócio das grandes plataformas digitais afeta não apenas a economia, mas a vida social, o trabalho, a cultura, as relações humanas e o clima? Este eixo parte da análise crítica da plataformização para investigar seus impactos, tanto imateriais (na vida social, no trabalho, na cultura), quanto materiais: a mineração de dados e minerais raros, o consumo energético e

hídrico das infraestruturas digitais, a violação de direitos territoriais e a desinformação climática. Também reúne as alternativas e resistências que emergem dos territórios, e pergunta: como as plataformas extraem e mercantilizam o tempo de atenção e de trabalho, e que outros tempos são possíveis quando colocamos a tecnologia a serviço da vida?